

Eleição, Motivo para Santificação

John Owen

O eterno e imutável propósito de Deus é que todo aquele que Lhe pertence de forma especial, todo aquele a quem pretende trazer ao Seu bem-aventurado gozo eterno, tem, antes de tudo, que ser santificado.

Se em tudo o que formos – nossas inclinações, profissão de fé, honestidade moral, utilidade para os outros, reputação na igreja – não formos santos individualmente, espiritualmente e evangelicamente, não estamos entre aqueles que, pelo eterno propósito de Deus, foram escolhidos para a salvação e glória eternas.

Não fomos escolhidos em Cristo antes da fundação do mundo para sermos primeiramente santos e inculpáveis diante de Deus em amor (Ef. 1:4)? Não, fomos, antes de tudo, “ordenados para a vida eterna” (At.13:48 — ACF; 2Ts.2:13)? A intenção de Deus no decreto da eleição é a nossa salvação eterna, para “o louvor da glória de Sua graça” (Ef. 1:5, 6, 11).

Que significa, então, quando se diz que fomos “eleitos em Cristo para que sejamos santos”? Em que sentido é a nossa santidade o propósito para o qual Deus nos elegeu?

A santidade é o meio indispensável para se obter salvação e glória. “Escolhi aqueles pobres pecadores perdidos para serem meus de forma especial”, diz Deus. “Escolhi salvá-los trazendo-os através de meu Filho, por intermédio da Sua mediação, para a glória eterna. Mas faço-o segundo meu propósito e decreto para que sejam santos e inculpáveis diante de mim em amor. Sem a santificação que procede da obediência em amor a mim, ninguém jamais entrará na minha glória eterna”.

Pensar que se pode chegar ao céu sem santificação é esperar que Deus mude Seus decretos e propósitos eternos; é esperar que Deus deixe de ser Deus e acate o desejo de pecadores de permanecerem pecaminosos. Paulo, no entanto, nos mostra que fomos predestinados para sermos conformes à imagem do filho de Deus (Rm. 8:29; 2Ts. 2:13); fomos eleitos para a salvação por meio da livre e soberana graça de Deus. Mas como é que se pode possuir de fato essa salvação? Através da santificação do espírito, e de nenhum outro modo. Deus, desde o princípio, jamais elegeu aqueles a quem não santificou pelo Seu Espírito. O conselho e o decreto de Cristo a nosso favor não depende da nossa santidade, no entanto da nossa santidade depende a nossa felicidade futura no conselho e decreto de Deus.

A Santificação é Indispensável

Segundo o imutável decreto de Deus, ninguém pode alcançar a glória e a felicidade eternas sem graça e santificação. Os que foram ordenados para a salvação, foram também ordenados para a santificação. A mais tenra criança

trazida à luz nesse mundo, não alcançará o descanso eterno se não for santificada e portanto, de modo consistente e radical, tornada santa.

A santificação é prova de eleição

A única prova da nossa eleição para a vida e a glória é a santificação operada em cada fibra do nosso ser. Assim como a nossa vida, a nossa consolação depende também da santificação (2Tm. 2:19). O decreto da eleição é o bastante para dar segurança contra a apostasia nas tentações e provações (Mt. 24:24).

Como é que posso saber da minha eleição e que não cairei em apostasia? Diz Paulo: “Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor” (2Tm. 2:19). Diz-nos Pedro, “procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição” (2Pe. 1:10). Mas, como é que fazemos isso? Pelo acréscimo de todas as virtudes arroladas por Pedro (2Pe. 1:5—9). Assim, se pretendemos estar na glória eterna, temos que nos esforçar totalmente para “sermos santos e irrepreensíveis perante Ele”.

Problema. Se, desde a eternidade, Deus escolheu livremente um certo número de pessoas para a salvação, que necessidade têm elas de serem santas? Podem pecar o tanto que quiserem e jamais perderão o céu, pois os decretos de Deus não podem ser frustrados. A Sua vontade não pode ser negada. E se não forem eleitas, sejam santas como forem, ainda permanecerão perdidos, porque jamais podem ter a salvação.

Resposta. Tal modo de argumentar não é ensinado na Escritura, nem dela pode ser aprendido. A doutrina da livre eleição de Deus em amor e graça é plenamente ensinada na Escritura, onde é proclamada como a fonte de, e o grande motivo para a santificação. É mais seguro apegar-se aos claros testemunhos da Escritura, confirmado na maioria dos crentes, do que dar ouvidos a essas objeções perversas e vis que podem nos levar a odiar a Deus e aos Seus desígnios. É melhor que o nosso entendimento seja cativo da obediência da fé, do que do questionamento de homens néscios.

Especificamente, não somos apenas obrigados a acreditar em todas as revelações divinas, mas temos também que crer nelas conforme nos são apresentadas pela vontade de Deus. O evangelho requer que se creia na vida eterna, mas ninguém, que ainda vive em seus pecados, precisa acreditar na sua salvação eterna.

Os parágrafos a seguir destroem essas objeções:

(i) O decreto da eleição em si mesmo, absoluto, sem a consideração de seus resultados, não faz parte da vontade revelada de Deus. Não está revelado se esta ou aquela pessoa é ou não eleita (Dt. 29:29). Portanto, isso não pode ser utilizado como argumento ou objeção sobre nada que envolva a fé e a obediência.

(ii) Deus enviou o Seu evangelho aos homens para que o Seu decreto de eleição fosse cumprido e levado à sua concretização. Ao pregar o evangelho, Paulo diz

que tudo suportou “por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus, com eterna glória” (2Tm. 2:10). Deus ordena que Paulo permaneça e pregue o evangelho em Corinto porque Ele tinha naquela cidade “muito povo” (At.18:10), isto é, aqueles a quem Ele havia graciosamente escolhido para a salvação. Veja também Atos 2:47; 13:48.

(iii) Em todo o lugar que chega, o evangelho proclama a vida e a salvação por Jesus Cristo a todo o que vai crer, se arrepender e se render em obediência a Ele. O evangelho faz com que os homens saibam plenamente qual é o dever e a recompensa deles. Nessas circunstâncias somente a arrogância e a incredulidade podem usar o desígnio secreto de Deus como desculpa para continuarem pecado.

Objeção. “Eu não me arrependerei, nem creerei, nem obedecerei, se primeiro não souber se sou ou não um eleito; afinal tudo depende disso”.

Resposta. Se é assim que pensa, o evangelho nada tem a lhe dizer nem a lhe oferecer, pois você está opondo sua vontade própria à vontade de Deus.

A forma que Deus estabeleceu para sabermos se somos ou não eleitos é pelos frutos da eleição em nossas próprias almas.

Eis uma ilustração: Cristo morreu por pecadores. Não se exige que certa pessoa creia que Cristo morreu por ela de modo particular, mas apenas que Cristo morreu para salvar pecadores. Assim sendo, o evangelho exige de nós fé e obediência, e somos obrigados a reagir favoravelmente. Contudo, até que obedeça ao evangelho, ninguém tem nenhuma obrigação de crer que Cristo morreu por si em particular.

A mesma coisa acontece com a eleição. Exige-se que se creia na doutrina porque ela está na Escritura e é claramente proclamada no evangelho; mas quanto à sua própria eleição, não se exige que ninguém creia nela até que, pelos seus próprios frutos, Deus lha revele. Assim, ninguém pode dizer que não é eleito até que sua condição prove que não o seja porque os frutos da eleição jamais podem operar nele. Esses frutos são a fé, a obediência e a santificação (Ef. 1:4; 2Ts. 2:13; Tt. 1:1; At. 13:48).

Aquele em quem se operam essas coisas tem a obrigação, segundo o método de Deus e o evangelho, de crer na sua própria eleição. Todo crente pode ter tanta certeza da sua eleição quanto o tem da sua chamada, justificação e santificação. Pelo exercício da graça, asseguramos a nossa vocação e eleição (1 Pe. 1:5-10).

Mas os incrédulos e os ímpios não podem concluir que não são eleitos, se não conseguirem provar que lhes seja impossível receber graça e santificação. Noutras palavras, eles têm que provar que cometeram o pecado imperdoável contra o Espírito Santo.

A doutrina da eleição de Deus é ensinada em toda parte da Escritura para o encorajamento e a consolação dos crentes e para motivá-los a serem mais obedientes e santificados (Ef. 1:3-12; Rm. 8:28-34).

Como é que a Eleição Motiva os Crentes à Santidade

A graça e o amor de Deus na eleição, soberanos e para sempre reverenciados, são fortes motivos para a santificação, e a única maneira de demonstramos gratidão a Deus é agradar-lhe com a santidade de vida. Será que um crente verdadeiro diria: “Deus me elegeu para a vida eterna, portanto vou pecar o tanto que quiser, pois jamais perecerei nem serei condenando”?

Deus usou a eleição como um motivador para o seu povo antigo (Dt. 7:6-8, 11). Do mesmo modo o faz Paulo com os cristãos (Cl. 3:12, 13). A eleição nos ensina humildade. Deus nos escolheu quando, por causa do pecado, éramos imprestáveis; não porque houvesse algum bem em nós. A eleição nos ensina submissão à soberana vontade, arbítrio e domínio de Deus sobre tudo o que nos concerne nesse mundo. Se Deus me escolheu desde a eternidade, e no devido tempo trouxe-me à fé, não iria Ele também cuidar de todas as coisas que me afetam?

A eleição também nos ensina o amor, a benevolência, a compaixão e a tolerância para com todos os crentes, que são os santos de Deus (Cl. 3:12, 13). Como ousaremos alimentar pensamentos grosseiros e severos, e alimentar animosidade e inimizade contra qualquer um daqueles a quem Deus escolheu para a graça e glória? (Veja Rm. 14:1, 3; Paulo tudo fez por causa dos eleitos).

A eleição nos ensina o desprezo pelo mundo e por tudo o que lhe pertence. Escolheu-nos Deus para constituir-nos reis e imperadores do mundo? Levantou Deus o Seu eleito para ser rico, nobre e honorável entre os homens para que seja proclamado: “Assim se fará ao homem a quem o rei [do Céu] deseja honrar”? Escolheu-nos Deus para nos guardar de dificuldades, perseguições, pobreza, vergonha e reprovações no mundo? Paulo nos ensina bem o contrário (1Co. 1: 26-29).

Tiago nos mostra como deve viver um eleito de Deus (Tg. 1:9-11). O amor na eleição é motivo e encorajamento para a santidade por causa da graça que podemos e devemos esperar de Jesus Cristo (2Co. 12:9). A eleição de Deus nos dá a certeza de que a despeito de todas as oposições e dificuldades que enfrentarmos, não seremos total e finalmente condenados (Rm. 8:28-39; 2Tm. 2:19; Hb. 6:10-20).

Problema. Com certeza alguém que sabe que é eleito tem maior possibilidade de ser preguiçoso e negligente na sua vida espiritual.

Resposta. Alguém segue numa jornada, sabe que está no caminho certo e sabe que se se mantiver no caminho chegará certa e infalivelmente ao fim da sua jornada. Será que esse conhecimento o tornará relapso e negligente? Não seria isso mais provável a alguém perdido e sem saber para onde ir? Não seria isso mais provável a alguém sem a certeza de que alcançaria o seu destino?

Problema. A eleição é desanimadora para o incrédulo.

Resposta. Podem ocorrer duas coisas quando a eleição é proclamada aos incrédulos. Primeiro, eles poderão se esforçar ao máximo para provarem que

são eleitos respondendo com fé, obediência e santidade, ou, segundo, podem não fazer nada e dizer que tudo isso depende de Deus.

Agora, qual dessas duas atitudes é mais racional e notável? Qual delas evidencia que amamos verdadeiramente a nós mesmos e estamos interessados por nossas almas imortais?

Nada é mais infalivelmente certo do que isso: “todo aquele que nEle crê não [perecerá], mas [tem] a vida eterna” (Jo. 3:15 - ACF).

Extraído e traduzido do livro “O Espírito Santo” do grande teólogo puritano inglês John Owen e que será publicado pela Editora Os Puritanos.

FONTE: *Revista Os Puritanos.*